

O Poreticismo

No que me diz respeito, e para efeitos de compreensão da minha própria obra, eu vejo o século vinte português dividido em três momentos muito precisos. O Modernismo, que corresponde à obra de Fernando Pessoa (1888), o Pós-Modernismo, que corresponde à do Jorge de Sena (1919), e a época que corresponde à minha obra (nascido em 1948), e que eu chamo, já que ainda não há um nome, o Poreticismo. Como facilmente se pode verificar, há uma distância de trinta anos a separar estes três nascimentos, e o começo destas três obras. Não quero dizer com isto que o século vinte português não tivesse ou não tenha outros movimentos ou outros destinos. Quero dizer apenas que para mim só estes são relevantes.

O Modernismo é, quanto a mim, ao mesmo tempo o fim da tradição logocêntrica iniciada por Platão no ocidente, como também a terceira fase de um movimento de transição iniciado pelo Romantismo (logo, posterior à revolução francesa) e continuado pelo Simbolismo, e que coincide com aquilo que chamo o pré-heideggerianismo. Consequentemente, o Pós-Modernismo e o Poreticismo ou a Idade Porética correspondem à era pós-heideggeriana, sendo o primeiro ainda contemporâneo da reflexão levada a cabo pelo filósofo. Assim, nos dois últimos séculos houve dois momentos de ruptura: um no Romantismo, outro no Pós-Modernismo. Esses dois momentos são portadores de uma mutação de sensibilidade. O primeiro, importante porque se assiste ao aparecimento na civilização ocidental de uma concepção diferente da língua (Vico e Frye), o segundo porque, dentro desta nova concepção da língua (descritiva e demótica), se apagam, exauridas, as últimas cinzas logocêntricas.

Chamo Poreticismo ou Idade Porética a que vivo e/ou que se vive, e da qual a minha obra é um bom exemplo, influenciado por uma passagem de um livro de Derrida dedicado a Paul de Man, intitulado *MEMOIRES for Paul de Man*, na sua versão inglesa. Diz essa passagem, e traduzo: «*Há nisto um poder (uma possibilidade) e um limite. Mas este limite, esta finitude, autoriza e faz com que se escreva; de certa maneira obriga a desconstrução a escrever, a traçar o seu caminho ligando o seu "acto", sempre um acto de memória, ao prometido futuro de um texto a assinar. A própria oscilação da indecidibilidade, de frente para trás, tece um texto; faz, se isso for possível, um caminho de escrita através da aporia. Isto é impossível, mas ninguém disse que a desconstrução, como técnica ou como método, era possível; ela pensa somente a nível do impossível e do que ainda é evocado como impensável.*»

Foi a pensar nesta passagem que fui estudar as possibilidades de se avançar na aporia (etimologicamente: onde não há caminho), para descobrir que existe em grego um verbo, *porizein*, relacionado com *porisma* (corolário) e que significa «abrir uma passagem ou um caminho». Não me foi difícil chegar à conclusão que uma escrita *porista* ou *porética* é aquela que abre passagem, que abre caminho na aporia, isto é, no lugar sem caminho, na fronteira (*frontier*), na *Wilderness*. Quer isto dizer, a escrita porética transforma o impossível em possibilidade de existência, quer isto dizer, e mais uma vez, que a estética porética (que é a minha, embora possa assumir ao longo dos livros várias facetas, a da «Estética da Estupidez», como se poderá ver no livro *Da Estupidez*, que inicia a PENTALOGIA AMERICANA, ou a da «Estética da Imperfeição», ubíqua em toda a minha obra, ou mesmo a da «Estética do Problema», como acontece nos dois livros finais da mesma pentalogia) procura resolver problemas, achar soluções (sempre precárias e provisórias). Daí a chegar ao nome de Poreticismo, como designação da época que me faz e faço, foi apenas um passo.

Caracterizo a *Escrita Porética* como sendo (e tendo em conta a experiência da minha vida-escrita, ou da minha vida-obra):

1. **Tautológica** - não tanto no sentido da repetição do mesmo, embora haja um pouco disso, mas no sentido da definição conter o definido. Isto é, para se ganhar tempo, e possibilidade de escrita, e decorrendo da consciência aguda de toda a ficção que é dizer um discurso sobre a realidade, escolhe-se ou tem-se a humildade de dizer, por exemplo, que o homem é um homem, em vez de se enveredar por um qualquer discurso ideológico que será num futuro próximo substituído por aquisições mais recentes do saber. A tautologia cria pois um efeito de suspensão e de redundância, assumido pela escrita, já que por vezes a saída que se procura é imprevisível, restando a quem escreve, o escrevedor, apenas a tentativa.

2. **Parentética** - a abertura do parêntesis cria o mesmo efeito de suspensão da tautologia, como se a escrita procurasse ganhar tempo ou existência. O parêntesis serve ao mesmo tempo para dar conta da precariedade do pensamento humano, já que a escrita sente necessidade de abrir um espaço onde se pretende que toda a realidade possa entrar e fazer parte do discurso. A assinalar pois a contradição inerente ao estilo parentético: uma necessidade de absoluto, porque se pretende esgotar todas as possibilidades do pensamento, dar conta de todas as possibilidades em relação ao que se trata, e ao mesmo tempo a inevitabilidade conspícua da relatividade que emerge ao trazer à superfície a multiplicidade. Por outro lado, do ponto de vista da recepção, isto é, da leitura, o parêntesis obriga o leitor a regressar atrás e a retomar o fio do pensamento, fazendo a leitura mais lenta e pausada, fragmentada, como imposição de um estilo que conhece a pressa dos leitores contemporâneos. Esse movimento atrás é mais um exemplo de como a língua se expõe como materialidade.

3. **Babélica** e/ou meândrica - Babélica, na medida que aceita a coexistência das línguas e das linguagens mais diversas (legado de Joyce, mas também de Pessoa, que escrevia «inglês», e de Wallace Stevens, que escrevia «francês») como formadoras da língua. Assim, estruturas de línguas estrangeiras tomam posse da pureza e do vernáculo, assim, a etimologia, que vive ctonicamente no esquecimento da memória, vem ao de cima, como se o grego e o latim fossem ainda viáveis para o discurso que procura o futuro (no dizer de Olson, o nosso mais remoto passado), assim outras práticas significantes (o cinema, etc.) agem nesta escrita.

Meândrica, na medida em que a estética porética evita a *destruição* heideggeriana, consciente dos seus limites, para se contentar com a *desconstrução* derridaniana ou de Maniana. Isto é, evita-se o confronto com os obstáculos, pretende-se apenas contorná-los, numa tentativa de sobrevivência, já que a destruição tem um efeito de ricochete, acarretando, em última análise, a destruição de quem pretende destruir, enquanto que a desconstrução desloca os problemas, diluindo-os ou fazendo-os perder a sua urgência, dando a possibilidade da mudança. Daí a utilização do deslocamento (*déplacement*, *displacement*) como processo favorito: a colocação do mesmo conceito num contexto diferente muda a natureza desse conceito. Avança-se pois por porismas, passo a passo.

4. **Apodemiológica** - como diz o próprio dicionário, «que não pode permanecer no mesmo sítio, que necessita de se deslocar». A escrita porética é essencialmente desassossegada e inquietante, não escolhe o momento da sua ocasião, pelo contrário, vive da ocasião de todos os momentos. Como já se viu, e trazendo o texto de Derrida à liça, para se avançar na aporia ou no ainda hoje impensável.